

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Selmara de Castro Balbino

MALI GRIOT – TRADICIONALISTA

Juiz de Fora

2017

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BALBINO, Selmara de Castro .

MALI GRIOT : TRADICIONALISTA / Selmara de Castro
BALBINO. – 2017.
25 f.

Orientador: Perses Maria Canellas da CUNHA
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas.
Especialização em História da África, 2017.

1. Griot. 2. memória. 3. tradição oral. 4. militância. I. CUNHA, Perses Maria Canellas da, orient. II. Título.

Selmara de Castro Balbino

MALI GRIOT – TRADICIONALISTA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pós-graduação em História da África do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para aprovação.

Orientadora: Profa. Perses Maria Canellas da Cunha

Juiz de Fora

2017

AGRADECIMENTOS

A Deus o meu muito obrigada por ter me concedido a graça de desfrutar plenamente da dádiva tão preciosa que é a vida, ter me concedido força e sabedoria para contemplar a vitória.

Agradeço à minha mãe Maria Lucia por ser essa grande mulher que consegue manter a sua fé inalterada mediante os momentos difíceis da vida. Que luta até o último instante!!!! Sem dúvida, mãe, existe muito de você em mim.

Ao meu pai por ser um grande artesão, um especialista em couro, que possui uma arte única referente a forração com sapatos, conseguindo manusear todas as formas de tecidos, por ter realizado a forração da caixa com tecido africano que guardará os materiais didáticos do meu trabalho de conclusão da especialização do curso de história da África e por sua imensa paciência com a vida. Ao meu irmão mais novo Junior que conquistou o meu coração desde o dia que chegou da maternidade.

À professora Elizete Maria Menagat pela sua paciência, parceria, confiança, orientação, coragem e alteridade em voga do debate da Questão Racial.

Aos demais professores da minha querida Escola Municipal Santa Cândida e da Universidade Federal de Juiz de Fora.

À minha querida amiga, Adenilde Petrina, muito obrigada pelo apoio, conselhos e orientações, sinto-me extremamente grata por tê-la como mantenedora da “tradição viva” e lembrar-nos sempre do verdadeiro sentido da Ancestralidade.

Às minhas irmãs pretas de militância do Grupo de Candaces - Organização de Mulheres Negras e Conhecimento - Mariana Gino, Giovana Castro, Giane Elisa Sales de Almeida, Maria Luiza Igino Evaristo, Sheila Gonçalves, Gilmara Mariosa, Alline Pereira, Fabiana Gomes de Souza, Denise, Jéssica Martins, cujas vidas têm me proporcionado imensurável honra de militar ao lado de grandes pretas mulheres.

À grife Negra Mulher Bela e ao Brinco de Madeira por me apoiarem na idealização dos mapas do continente Africano em madeira em MDF e colocarem a disposição todos os seus talentos e conhecimentos artesanais para concretização desse projeto.

E as minhas amigas geografas Marcelle e Paulinha por sempre que possível me apontarem os lados geográficos no cotidiano e ao taxista Maicon as minhas amigas Vanessa Lourenço e a Lilia Leandra.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso de especialização de História da África é resultado de várias inquietações em torno da minha vida acadêmica relacionada à temática da discussão étnico-racial, às relações sociais métodos de desconstrução de imaginários referente ao continente africano, e as importâncias do Mali-Griôs/griot e os tradicionalistas. A temática encontrando intrinsecamente relacionado a experiência de vida, das práticas realizadas através da minha militância no movimento negro e as participações proporcionadas na trajetória da minha formação acadêmica. Uma reflexão referente a importância do debate Étnico-racial no Brasil e as múltiplas configurações das africanidades presentes na sociedade brasileira e uma síntese das principais mobilizações do movimento negro e a conquista Lei 10.639/03, posteriormente modificada, pela Lei 11.645/08, que tornou obrigatórios os conteúdos relativos à história e cultura africanas e afro-brasileiras nas escolas públicas e privadas.

Palavras-chave: Griot, memória, tradição oral e militância

ABSTRACT

Keywords:

Este curso Acabado de especialización de la historia de África es el resultado de diversas preocupaciones en torno a mi vida académica relacionada con el tema de la discusión étnica y racial, relaciones sociales métodos de desconstrucción imaginarios relacionados con el continente africano y la importancia de Mali-Griôs / griot y tradicionalistas. El tema intrínsecamente relacionada con la búsqueda de la experiencia de vida, las prácticas llevadas a cabo por mi militancia en el movimiento negro y las acciones ofrecidas en la trayectoria de mi educación. Una reflexión referencia la importancia del debate étnico-racial en Brasil y se multiplican los ajustes de Africanities presente en la sociedad brasileña y un resumen de las principales campañas del movimiento negro y la Ley conquista 10.639 / 03, modificada posteriormente por la Ley 11.645 / 08, que tiene contenido obligatorio relacionados con la historia de África y la cultura y africano-brasileño en las escuelas públicas y privadas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
LUTAS DO MOVIMENTO NEGRO PELO ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA NAS ESCOLAS	10
DESCRIÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PROPOSTO	14
REFERÊNCIAS	24

INTRODUÇÃO

A escolha do tema deste trabalho partiu da minha experiência de vida, das práticas realizadas através da minha militância no movimento negro e as participações proporcionadas na trajetória da minha formação acadêmica. O tema está relacionado diretamente à tradição oral por meio dos Griôs/griot e os tradicionalistas. Os griot's ou griôs são um dos principais guardiões oficiais da história oral tradicional do continente africano. Hampate Bá (2010) destaca em sua obra a importância da tradição oral um patrimônio cultural de toda a humanidade e autenticidade e veracidade dessa oralidade frente a uma cultura eurocêntrica. Através dos griots são impressos saberes, princípios, conhecimentos, ensinamentos, de geração a geração, passando a dar vida aos fatos históricos.

Entre as nações modernas, onde a escrita tem precedência sobre a oralidade, onde o livro constitui o principal veículo da herança cultural, durante muito tempo julgou-se que povos sem escrita eram povos sem cultura. Felizmente, esse conceito infundado começou a desmoronar após as duas últimas guerras, graças ao notável trabalho realizado por alguns dos grandes etnólogos do mundo inteiro. Hoje, a ação inovadora e corajosa da Unesco levanta ainda um pouco mais o véu que cobre os tesouros do conhecimento transmitidos pela tradição oral, tesouros que pertencem ao patrimônio cultural de toda a humanidade. [...]O que se encontra por detrás do testemunho, portanto, é o próprio valor do homem que faz o testemunho, o valor da cadeia de transmissão da qual ele faz parte, a fidedignidade das memórias individual e coletiva e o valor atribuído à verdade em uma determinada sociedade. Em suma: a ligação entre o homem e a palavra. É, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra é mais forte. (HAMPATE BÁ, 2010, p. 1).

A importância da elaboração do material didático que será proposto nesse trabalho, encontra-se relacionada com o resgate dos griots e da tradição da oralidade no bairro Santa Cândida, por meio da militante Adenide Petrina. Algumas experiências e vivências que

adquiri por meio da militância me proporcionaram uma reflexão e comprovação que por meio de imagens fotográficas é possível trabalhar a desconstrução de imaginários e transmitir conhecimentos, sendo inegável os impactos dessas desconstruções na sociedade. Dentre essas experiências, destaco a construção e realização coletiva da I Semana Igualdade Racial e Questão Agrária UFJF, a participação na comissão organizadora da Exposição Itinerante Identidade Negra, com o apoio da pró Reitoria de Cultura, participação na Idealização e construção do projeto sobre a exposição de banners de Intelectuais Negras e Negros com o apoio da Diretoria de Ações Afirmativas-UFJF e, por último ter sido fotografada com as minhas irmãs queridas de militância do grupo Candaces – Organização de Mulheres Negras e Conhecimento – para a Exposição **“Qual é o pente que te penteia?”**. E por último, no interior da minha trajetória acadêmica, resalto a minha participação, durante 4 anos, no projeto de extensão “Da diversidade cultural à diversidade produtiva: Construção dos saberes necessários para transição agroecológica de São Pedro de Cima”, realizado na comunidade quilombola de São Pedro de Cima. Dessa maneira, como dito anteriormente, todas essas experiências estiveram assentadas nas imagens positivas de negritude como forma de afirmação das identidades negras.

Em relação a tradição oral devo apontar a participação no projeto “Da diversidade cultural à diversidade produtiva: Construção dos saberes necessários para transição agroecológica de São Pedro de Cima” como definidora da percepção da oralidade como uma potência. O quilombo de São Pedro de Cima teve a sua origem com a chegada de dois núcleos familiares formados por negros fugidos do cativeiro – os Malaquias e os Pereiras – em meados do século XIX. (CARNEIRO, 2008, p. 8). Na segunda metade do século XX, a forte cultura do café na região atraiu outras famílias para a comunidade de São Pedro de Cima, como os Aprígeo e os Marcianos. Os núcleos familiares dos Malaquias é representado pelo Senhor Antônio Dorico Malaquias, atualmente com 98 anos, o morador mais velho da comunidade, muito respeitado e admirado por todas as gerações. A figura do falecido Sr. Vico Aprígeo é quem representa a família dos Aprígeo. Além de ter sido um extraordinário contador de histórias, seu nome é reconhecido como um grande símbolo de religiosidade para os quilombolas católicos. Para os Marcianos temos a figura do Sr. Galileu Marciano. No território do quilombo, as terras desta família localizam-se entres os Pereiras e os Aprígeos. Os Pereiras são representados pela figura do casal Sr. Zé Pereira e sua esposa Laudeici Pereira.

A experiência do trabalho multidisciplinar foi decisiva, pois o grupo de pesquisa era formado por uma equipe em que estavam inseridos alunos da História, Geografia, Biologia,

Ciências Sociais, Direito e Serviço Social. Tive a oportunidade de aprender a manusear GSP na marcação de pontos das casas das entrevistadas para a posterior elaboração de mapas e, assim, pude reconhecer a importância da localização geográfica exata no interior de um território.

Além disso a leitura do texto *Tradição Viva* (Hampate Bá, 1977) me apontou o bairro Santa Cândida, onde resido, como uma possibilidade de compartilhamento de memórias que contam a história do grupo de moradores daquela região.

É importante ressaltar também alguns pontos relevantes sobre a situação de escravidão das pessoas que forçosamente foram trazidas para o Brasil. As teorias de superioridade eurocêntrica buscam justificar a dominação por meio da colonização que busca a pilhagem através da acumulação primitiva. Conforme Kowarick (1987), a necessidade de aceleração da acumulação primitiva do capital comandou todo o processo de colonização. É, portanto, como parte dessa lógica que deve ser refletida a escravidão africana:

Mas o sistema colonial não criaria apenas a escravidão. Criaria isto sim, a escravidão africana. De fato, o tráfico negreiro, ao transformar a captura em empreendimento altamente lucrativo, tornou-se poderoso fator de acumulação primitiva, (...). “Paradoxalmente, é a partir do tráfico negreiro que se pode entender a escravidão africana colonial, e não o contrário”. (KOWARICK 1987, p. 22).

Botelho(2013) afirma que o mercado foi a essência da justificativa para a escolha do negro como escravo. Destaca que essa estrutura eurocêntrica do tráfico negreiro foi abordada na obra, *Capitalismo e escravidão*, de Eric Willians, considerado um clássico. Segundo Botelho, os juízos “hegelianos sobre a África são assustadores racistas, todos envelopados filosoficamente” (BOTELHO,2013 p.208).

“A escravidão não nasceu do racismo: ao contrário, o racismo foi uma consequência da escravidão. O trabalho não-livre no Novo Mundo era moreno, branco, negro e amarelo; católico, protestante e pagão” (WILLIAMS, 1975; apud BOTELHO, 2013, p.215).

O Continente africano foi ‘imaginado’ como um ‘país’ de povo sem história, limitado pela incapacidade de sobreviver e se organizar devido a sua imersão nas (chamadas) sociedades tradicionais, em oposição a sociedades europeias industrializadas. No decorrer dos anos de 1960, empregando o argumento “a África também tem história” (Ki-Zerbo, 2010), historiadores africanos ligados ao movimento historiográfico de reescrita da História da África perpetraram ferrenhas críticas ao processo de ocidentalização da história do continente negro. O objetivo era desvincular a história africana da concepção epistemológica frutificada pelo hegelianismo, que entendia que um povo sem escrita é um povo sem passado, sem

história e igualmente sem cultura, uma interpretação simplista e reducionista da complexidade efetiva da historiografia do continente africano (LOPES, 1995).

Conforme Hampate Bá, os “conhecedores”, para os povos dos troncos linguísticos Bambara e Fulai são chamados de Soma / Doma que são tradicionalistas, que possuem uma ligação direta com a verdade na difusão dos fatos. Os tradicionalistas-doma, das Savanas do Mali, são considerados memórias vivas do povo, conhecedores da totalidade das plantas, da ciência e da ancestralidade, tenderam ser considerados inimigos eminentes dos ideais de colonização. Desta forma, dentro do período da colonização, tiveram que fugir e muitos se refugiaram nas florestas para não serem executados.

Os grandes depositários da herança oral são os chamados "tradicionalistas". Memória viva da África, eles são suas melhores testemunhas. Quem são esses mestres? Em bambara chamam-nos de Doma ou Soma, os "Conhecedores", ou Donikeba, "fazedores de conhecimento"; em fulani, segundo a região, de Silatigui, Gando ou Tchiorinke, palavras que possuem o mesmo sentido de "Conhecedor". Podem ser Mestres iniciados (e iniciadores) de um ramo tradicional específico (iniciações do ferreiro, do tecelão, do caçador, do pescador, etc.) ou possuir o conhecimento total da tradição em todos os seus aspectos. Assim, existem Domas que conhecem a ciência dos ferreiros, dos pastores, dos tecelões, assim como das grandes escolas de iniciação da savana - por exemplo, no Mali, o Komo, o Kore, o Nama, o Do, o Diarrawara, o Nya, o Nyaworole, etc. Mas não nos iludamos: a tradição africana não corta a vida em fatias e raramente o "Conhecedor" é um "especialista". Na maioria das vezes, é um "generalizador". Por exemplo, um mesmo velho conhecerá não apenas a ciência das plantas (as propriedades boas ou más de cada planta), mas também a "ciência das terras" (as propriedades agrícolas ou medicinais dos diferentes tipos de solo), a "ciência das águas", astronomia, cosmogonia, psicologia, etc. Trata-se de uma ciência da vida cujos conhecimentos sempre podem favorecer uma utilização prática. [...]o tradicionalista, geralmente dotado de uma memória prodigiosa, normalmente também é o arquivista de fatos passados transmitidos pela tradição, ou de fatos contemporâneos.

Segundo Ahmadou Kourouma o griot é um povo da remota mandinga que são os grupos étnicos dos genealogias linguísticas: “Malinkê, bambara, dioula, são considerados os fundadores de todo o tronco linguístico mandiga, bobo, susu, sonikê, bozo, bisa kurankotomã, mende, tura, dankoniakê, guerzê, manon, Kpele, gouro, san,busa Way e gagu.” (KOUROUMA, 2009, p.10)

LUTAS DO MOVIMENTO NEGRO PELO ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA NAS ESCOLAS

A existência do curso de Pós-graduação em história da África é resultado do processo histórico das mobilizações do movimento negro. Que, para além da contribuição da luta antirracista no Brasil, é prática efetiva para construção eminente de uma sociedade mais justa,

igualitária que vai ao encontro da construção de uma educação baseada na diversidade, no reconhecimento da valorização do outro e não eurocêntrica, servindo efetivamente para o fortalecimento da democracia e a formação de sujeitos críticos, atuantes e pensantes.

Desta forma, na qualidade de militante e de assistente social considero necessário realizar um pequeno panorama histórico e político sobre a conquista das reformas políticas na educação, saúde e previdência sublinhando a relevância do curso, a sua efetiva permanência e a construção do material pedagógico para o ensino de história da África nas escolas.

Podemos iniciar com a lembrança das inúmeras estratégias de resistência desenvolvidas pelos negros brasileiros desde o período da escravidão, tais como a constituição das irmandades negras religiosas e a possibilidade de compra de alforria; das tentativas de fuga para os quilombos; dos suicídios; da revolta do Malês; dos trabalhadores de canto na Bahia; das redes de solidariedade entre as lavadeiras, que organizavam-se para atender a clientela daquela que entrava no trabalho de parto e no período de resguardo para que ela não perdesse a fonte de renda; e a formação dos sindicatos negros na cidade do Rio de Janeiro, como também o teatro experimental do negro. Enfim, de todas as formas de expressão cultural, religiosa, social e artística, de todas as múltiplas configurações das africanidades presentes na sociedade brasileira. Conforme Silva (2003), estas são e estão adjuntas

aos modos de ser, ver, viver, de organizar lutas e resistir culturalmente, próprio dos negros brasileiros. As africanidades referem-se também aos processos de formação dessas manifestações. Por outro lado, constituem-se nas marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnico-racial, fazem parte do dia a dia dos brasileiros. (p.01)

No ano de 1930, a Frente Negra Brasileira propõe em sua agenda política, a luta pela inclusão da história da África no currículo escolar. Já no ano de 1944, é instituído pelo ator e economista Abdias Nascimento e demais militantes “O Teatro Experimental do Negro” e, na década de 1950, com Laudelina de Campos Melo, a “Associação das domésticas na cidade de Campinas”. Porém, é no ano de 1978, em protesto contra a forma de violência sofrida pela população negra, após o assassinato de um trabalhador, que nasce o Movimento Negro Unificado. A Entidade passa a reivindicar a inserção da história da África e do negro no Brasil nos currículos das escolas brasileiras.

A década de 1980 foi de extrema importância para organização de vários movimentos sociais incluindo o movimento negro. Em 13 de maio de 1988, se completariam 100 anos da Abolição. A comemoração foi pensada dentro da lógica de exaltação da princesa Isabel, pelo então presidente José Sarney. Conforme a assistente social, professora e militante do movimento negro Magali da Silva Almeida, os movimentos negros se organizam em nível

nacional, por meio de Marcha, contra a **farsa da Abolição no Brasil** em que denunciavam o racismo institucional, colocando em evidência a resistência e identidade negra. (JANOÁRIO; DIAS, 2013, p. 231) De acordo com Abreu (2014), o centro da cidade do Rio de Janeiro, no dia 11 de maio de 1988, foi palco de uma das maiores manifestações do movimento negro que reuniu mais de 5 cinco mil pessoas em protesto.

Utilizando carros de som, faixas e, fundamentalmente, os pulmões, os militantes pretendiam ir da Candelária até o monumento de Zumbi dos Palmares, na Praça Onze. Não conseguiram. Foram impedidos pelo Exército, em frente ao Comando Militar do Leste, mais especificamente, um pouco antes do Panteão de Caxias. Mais de 600 soldados, armaram barricadas e ostentaram armas pesadas, impedindo a passagem da Marcha. Os militantes não puderam passar em frente ao monumento de Caxias e por isso não chegaram, como pretendiam, ao monumento a Zumbi. Zumbi e Caxias, numa batalha metafórica no meio da Avenida Presidente Vargas. Se considerarmos que os monumentos vão muito além de seus suportes materiais, notamos facilmente a importância do episódio.

A Marcha figurou entre os grandes eventos programados pelo Movimento Negro para aquele ano. O poder simbólico do contexto foi muito significativo para o país e para todos os atores envolvidos na redemocratização, após o encerramento do regime militar. Foi um ano de mobilização para a militância (ABREU, 2014, p.3).

A Carta Magna de 1988 representou uma conquista para todos os brasileiros, pois garantiu juridicamente direitos fundamentais para todos os cidadãos bem como o direito de expressão de movimentos sociais e de organização da sociedade civil. Conforme atestou Pereira (2009), “Antigas bandeiras de luta como liberdades civis, reforma agrária e questões étnicas eram bandeiras que unificavam os movimentos sociais.” Benedita da Silva, então deputada federal pelo estado do Rio de Janeiro e militante tomou o comprometer-se conduzir, ao plenário, as reivindicações do movimento negro. (PEREIRA, 2009, p. 120).

Por meio do Art. 68º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, foi reconhecido o direito de demarcação de terras para as comunidades remanescentes quilombolas. Conforme Almeida (2013) “a constituição de 1988 consagra o racismo como crime, legitimando a luta antirracista no Brasil, historicamente, protagonizado pelas negras e negros.” (p. 231). No ano de 1995, na Marcha Zumbi contra o Racismo, pela cidadania e Vida o movimento negro nacional elaborou propostas de políticas públicas que foram direcionadas ao governo federal. Em setembro de 2001, em Durban acontece a III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias. Este foi um momento em que o Brasil reconheceu pela primeira vez, frente a outras nações, que existe racismo na sociedade Brasileira.

No governo de Luiz Inácio Lula da Silva, entra em vigência a Lei 10.639/03, posteriormente modificada, pela Lei 11.645/08, que tornou obrigatórios os conteúdos

relativos à história e cultura africanas e afro-brasileiras nas escolas públicas e privadas em todas as esferas da educação. Ainda em 2003, é criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPPIR). Depois, transformada na Secretaria de Políticas da Igualdade Racial, que veio assegurar conquistas, como por exemplo, o Estatuto da Igualdade Racial, as ações afirmativas e cotas nas universidades e a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra.

Porém, no atual cenário político no Brasil em que os direitos conquistados pela classe trabalhadora e movimentos sociais encontram-se ameaçados, Menegat (2015) realiza uma pequena reflexão sobre os governos do Partido dos Trabalhadores em uma sociedade capitalista em crise. Conforme o autor, nos defrontamos com uma gestão em que o PT foi capaz de elaborar políticas públicas e criar programas para o controle da pobreza e da violência. Ou seja, o PT teria realizado “uma boa gestão da barbárie”. Contudo, na atualidade, assistimos ao desmoronamento dessa forma de gestão social,

Pois é o arsenal destas políticas e suas técnicas de 'governabilidade social' que serão profanadas, mas não por razões meramente ideológicas, destas que poderiam dividir esquerda x direita numa luta cheia de glórias, e sim pela disputa pequena de como se deve organizar a próxima etapa do desmoronamento da sociedade brasileira dentro da crise mundial. (MENEGAT, 2015, p.1)

Após o processo de impeachment da ex-Presidenta Dilma Rousseff, o Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos foi extinto, mesmo mediante o genocídio dos jovens negros e os números estatísticos do feminicídios – de 48 para 100 mil mulheres – que direciona o país para a quinta maior taxa no ranking mundial de mortes de mulheres, conforme dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Entre os anos de 2003 a 2013, o percentual de homicídios de mulheres negras cresceu 54%, passando de 1.864 para 2.875. Com o governo Temer e a Emenda à Constituição 241 – posteriormente PEC 55 – assistimos o corte de gastos na educação e saúde. As reformas trabalhistas favorecem aos empresários e a terceirização tem como principal objetivo a valorização do seu capital, ou seja, o lucro através da perda de direito da classe trabalhadora, tendo como fórmula o enxugamento dos custos de produção através das demissões em massas ou automatização do processo produtivo.

Perpassando esse conjunto de medidas contra reformistas o que há é um processo aberto de pilhagem, rapinagem, espoliação dos fundos e ativos públicos, que elimina, inclusive mediações mínimas necessárias para o funcionamento de modelos de conciliação. A

verdade da espoliação é tamanha que nem o bolsa-família ficou de fora da “raspagem”. O ministério do Desenvolvimento Social retirou o benefício de 1,1 milhão de beneficiários, em nome de uma economia de R\$ 2,4 bilhão por ano. Desse montante, 469 mil beneficiários, foram eliminados do programa porque alcançaram R\$ 440 de renda per capita. O bolsa-família corresponde a cerca de 0,5% do PIB e, em 2015, contou com não mais do que R\$ 27,5 bilhões de orçamento. Além da “ raspagem” profunda de fundo público, há também numa medida como essa um propósito de focalizar ainda mais as políticas empresariais, retrocedendo às concepções estritamente neoliberais de programa de transferências de renda, exercitadas na década de 90. [...] (BRITO, 2017, p.3).

Com a proposta da reforma do Ensino Médio, pela Medida Provisória nº746/2016, o governo propõe a não obrigatoriedade das disciplinas de história e geografia, tendo impactos nos debates das temáticas da lei 11.645 uma vez que a lei é para todas as disciplinas em todas as esferas da educação pública e privada. Conforme a Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial, em 2013, 70% dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) eram negros (pretos e pardos). Brito (2017) ressalta que estas alterações legislativas irão realizar modificações no cotidiano dos negros, negras, indígenas e brancos pobres da sociedade brasileira no que diz respeito aos direitos fundamentais para sobrevivência que para ele é “pilhagem, rapinagem, espoliação!”

Logo, chamemos a coisa pelo nome: pilhagem, rapinagem, espoliação! Vidrados e agarrados a essa coisa, os endinheirados e poderosos no Brasil insistem na tese segundo a qual o orçamento público do país não comporta a Constituição Federal de 1988 – o que, conforme já registrado, significa assumir, na prática, que uma enorme massa de mulheres e homens não cabe no Produto Interno Público (PIB) brasileiro. Nada além de uma monstruosa coerência com as coordenadas de uma formação social estruturada sobre séculos de escravidão, rapinagem de recursos naturais, que naturaliza o extermínio da juventude negra, pauperizada e moradora de favelas. (BRITO, 2017, p. 7)

DESCRIÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PROPOSTO

Proponho a construção de um material pedagógico constituído por um kit com cinco itens, todos com imagem como elemento central, pois este é um instrumento ideal para desconstrução de imaginários e preconceitos referentes ao continente Africano. A temática é O Mali - Griot/griô Tradicionalistas. Com esse material, busco aportes que favoreçam a valorização da experiência em comunidades que proporcione a representatividade do verdadeiro pluralismo conforme a configuração estatística da população brasileira.

1º item – Apresentação da importância da tradição oral por meio dos Griots/Griôs. As histórias dos bairros e os sujeitos responsáveis pelas memórias vivias nas comunidades que transmitem saberes e conhecimentos.

Material necessário: Livreto O Mali – os griot/griô tradicionalistas - Doma.

Público alvo público: alunos do 5 ano ao 7 ano do Ensino Fundamental.

Tempo de duração previsto para a atividade: uma aula.

Preparação: Formação em círculo.

Metodologia: Leitura do livreto e as narrações da história da comunidade que sedia a escola.

2º item – Jogo da memória sobre a cultura do Mali e Griots/Griô. As mulheres que são griotes geralmente são portadores de uma linda voz e sempre são acompanhadas pelo som de um instrumento. Em tempos remotos, nos símbolos das vestimentas estão contidos segredos que são passados de geração a geração. Assim, serão escolhidos quinze símbolos ligados a cultura Adnkra e trinta imagens contendo instrumentos musicais, vestimentas típicas e símbolos. Nas costas de cada carta, a bandeira do Mali.

Objetivo: difusão da cultura Africana e do país do Mali, trabalhando a questão do raciocínio lógico e o reconhecimento de elementos que estão ligados diretamente ao cotidiano dos Griots/Griô.


Material: papelão e impressões na gráfica






Público alvo: discentes do 5º ano ao 7º ano do ensino fundamental

Preparação: apresentação visual das cartas para os alunos e distribuição das cartas em cima da mesa.

Duração: uma aula de 50 minutos.












Desenvolvimento: Embaralhar todas as cartas e colocar sobre a mesa com as imagens voltadas para a baixo. O jogador deve virar duas cartas. Se não houver coincidência entre as imagens das cartas, o jogador volta a virá-las, sem tirá-las da posição em que se encontrava na mesa e passa a vez para o jogador seguinte. Se houver ele pega as cartas para si e repete a jogada.

1		<p>Árvore que faz parte da história e cultura da África. A sua semente é citada na obra Tradição Viva. No livro encontramos com griot Sotigui Kouyat, cita que na pequena aldeia chamada Ouagadougou os griots que faleciam antigamente eram enterrados na árvore sagrada que se chama baobá.</p>
---	---	---

2		Tambor Djembe, diretamente ligado aos Malaicas.
3		Xilofone, Balafon instrumento do Griot.
4		Harpa africana instrumento inseparável de muitos griot.
5		Simboliza o antigo Império do Mali.
6		Filho nascido na descendência das famílias de griôs/Djéli. Alguns tornam-se músicos como o caso do cantor/ percussor Malinese Toumani filho do “Rei da Kora”.
7		Patrimônio da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a grande mesquita de Djenné fica localizada na cidade de Djenné, no Mali.
8		Conforme o matemático e escritor Ahmadou Kourouma, a cabaça é considerada a rainha dos utensílios musicais dentro do continente africano. Ele enfatiza a sua grande capacidade de ressonância quando cortada e recoberta por couro. (KOURUMA, 2009, p.14).
9		Ahmadou Kourouma, em sua obra Homens da África, classifica a semente como extremamente importante para cultura africana. A noz-de-cola é rica em substâncias estimulantes e simboliza a hospitalidade por isso ela é oferecida aos visitantes. Quando o griot realiza o seu papel de mediador ela sempre está presente e não pode falta. (KOURUMA, 2009, p.15).
10		O tambor falante que serve para a comunicação à distância e pode ser chamado também de tambor tantan. (AHMADOU KOURUMA p.17 2009).

11		<p>Guitarra instrumento presente na música contemporânea do Mali como é possível visualizar no documentário Música em Africa (Documental completo) e também na nova geração da música Tamacheque que é um instrumento de resistência e luta política.</p> <p>Do encontro da tradição poética tamacheque (Moussa e Casajus, 1992), da migração e da luta política, a música dos Ichúmars constituiu um conjunto de textos literários de grande valor histórico, cultural e artístico. Com estilo único, produzido na confluência de músicas ocidentais, árabes e tamacheque (da cultura oral tradicional), a música Ichúmar é expressão intensamente inscrita no presente e na mobilidade contemporânea. Ela fez da guitarra a passarela, o instrumento fundamental dos roqueiros do teneré (deserto em sua língua) para uma comunicação ao mesmo tempo enraizada e interna (para os jovens tomarem consciência e aderirem à luta) e, igualmente inovadora e externa, para sensibilizar e tornar conhecida sua causa para fora das fronteiras desta antiga sociedade de do Saara. (AG ADNANE, 2013, p. 8)</p>
12		<p>Sotigui Kouyaté o griot Moderno (ISAAC BERNAT).</p>
13		<p>Tombuktu (Mesquita de Tombuktu)</p>
14		<p>Mapa do continente Africano com destaque no país do Mali.</p>
15		<p>Rio Níger atravessa a cidade de Tombuktu/ Timbuktu.</p>
16		<p>Símbolo do Griot (AHMADOU KOUMA, 2009, p.156)</p>
17		<p>NKYIMU Divisão cruzadas feitas no tecido antes de estampar. Símbolo da precisão, da habilidade e esperteza. (LARKIN; GÁ, 2009, p.134)</p>
18		<p>A terra é mais pesada do que o mar. Símbolo da orientação e da proteção divinas e sacralidade da mãe terra. (LARKIN; GÁ, 2009, p. 68)</p>

19		Quem não sabe pode saber aprendendo. Símbolo do conhecimento, da aprendizagem permanente da busca contínua do saber. (LARKIN; GÁ, 2009, p.180)
20		Símbolo da transformação da vida. (LARKIN; GÁ, 2009, p.131)
21		Símbolo do amor, da paciência, bondade, da fidelidade e da constância. (LARKIN; GÁ, 2009, p.74)
22		Símbolo da bravura sem temor (LARKIN; GÁ, 2009, p.82) Um estilo particular de penteado do herói guerreiro.
23		Símbolo da comunhão e unidade no pensamento e na ação. (LARKIN; GÁ, 2009, p.86)
24		Símbolo do amor, da devoção e da fidelidade. (LARKIN; GÁ, 2009, p.76) O amor ilumina seu próprio caminho. Nunca se perde ao voltar para casa.
25		O pente de madeira. Símbolo das melhores qualidades femininas: paciência, prudência, afeto, amor e cuidado. (LARKIN; GÁ, 2009)
26		Tabono – símbolo de Força e persistência. (LARKIN; GÁ, 2009)
27		Dono – O tambor falante. Símbolo da invocação, do elogio, da boa vontade e ritmo. (LARKIN; GÁ, 2009)
28		Símbolo de preparo, fortaleza, amparo social, excelência e elegância. (LARKIN; GÁ, 2009, p.96)

29		Símbolo da força, da sede de poder, da autoridade e da magnificência. (LARKIN; GÁ, 2009, p.)
30		Símbolo de grandeza e superioridade. O grande okro. (LARKIN; GÁ, 2009, p.192)
31		Fotografo Malick Sidibé, ganhador do Prêmio Hasselblad, o Leão de Ouro na Bienal de Veneza e também o prêmio do Centro Internacional de Fotografia, Nova Iorque, considerado um pioneiro em fotográfica africana, falecido em Abril de 2016.
32		Fotografia de Malick Sidibé.
33		As mulheres urbanas em Mopti Mali Pictures Guide – West Africa.
34		Fotografia do site Mali Pictures Guide – West Africa, uma paisagem da vila do povo Dogon, na região de Bandiagara, de uma ladeira íngreme pertencente ao Mali.
35		Águas do Rio Níger, um dos meios de locomoção para se chegar a cidade de Timbuktu/Tombuktu.
36		Casal dançando. Fotografia de Malick Sidibé.
37		Fotografia de Malick Sidibé. Casal dançando.
38		Imagem do povo Dogon. Todos os anos, no mês de abril, é festival de mascarás no Mali. “Os dogon vivem, dentre outras regiões do sudeste do Mali, nas falésias de Bandiagara. Em 1935, o antropólogo francês Marcel Grioule (1898-1956) identificou mais de 70 tipos de máscaras dogon, sendo muitas delas relacionadas aos ritos funerários”. (BEVILACQUA, SILVA, 2015, p. 34)
39		Ciclomotores vintage fotografia do site Mali Pictures Guide – West Africa.

40		Um dos meios de transporte, camelo anfíbio. Fotografia de Malick Sidibé.
41		Vida urbana em Mopti cidade que faz parte da extensão geográfica do Mali
42		Mercado anualmente Mali Pictures Guide – West Africa
43		Estrada principal de Mopti. Foto do Malick Sidibé.
44		Portas entalhadas pelo tradicional povo Dogon, uma escada de (onde os visitantes dormem).
45		Fotografia de Malick Sidibé.
46		Forma de transporte em Bandiagara.

3º item – Mapa do continente Africano em Madeira MDF, constituindo também uma forma de valorização dos trabalhos manuais realizados por artesões. Este mapa contém a localização geográfica do Mali, pois foi construído um imaginário coletivo de que África é um país único. Dessa forma podemos contribuir para que os alunos e alunas possam olhar para a experiência histórica desse continente de uma nova maneira.

Duarte (2006) evidência em sua obra que existe uma especificidade direcionada a elaboração de um mapa que encontra-se diretamente ligado com a cultura de um povo e as demais formas de representações no espaço: “Os mapas representam uma forma de saber, um produto cultural dos povos” (p. 21)

Localizado na África Ocidental, conforme os dados do site do IBGE, o Mali se encontra limitado a oeste pelo Senegal, a oeste/norte pela Mauritânia, a norte pela Argélia, a

leste pelo Níger e ao sul pelo Burkina Faso, pela Costa do Marfim e pela Guiné. A Capital é Bamaco e possui uma extensão territorial de 1.240.190 km². Devido ao processo de colonização pela França, o francês tornou-se o idioma oficial. Sua moeda é o Franco CFA. Tem uma Densidade demográfica de 14,4 hab/km². A população está dividida em 8.884.690 homens e 8.715.004 mulheres. O país tem 139,61 assinantes de telefonia celular a cada 100 habitantes e, para as linhas telefônicas fixas, 1,04 a cada 100 habitantes. O Mali possui 3,32 computadores pessoais a cada 100 domicílios e 10,34 usuários com acesso à internet a cada 100 habitantes. O site Mali Pictures Guide – West Africa, sobre a temática visitando o Mali – nos informa que geograficamente o país possui uma temperatura elevada, com paisagens fascinantes, destacando a esplêndida escarpa de Bandiagara e a cidade de Timbuktu que atualmente encontra-se com pouquíssimos habitantes, porém a trajetória até a cidade é fascinante.

O Mali está na lista dos cinco países mais pobres do mundo, porém possui riquezas inestimáveis para a história da humanidade.

Mapa desmontado do continente Africano em Madeira MDF



Objetivo da montagem: trabalhar a desconstrução de um imaginário coletivo pejorativo de que a África é apenas um país. Os alunos irão aprender a localização exata do **Mali** no continente Africano.

Material necessário: Mapa do continente africano em MDF e o mapa político do continente africano.

Público alvo: alunos do 4º ano ao 7º ano do Ensino Fundamental.

Preparação: Apresentar o Mapa inteiro em MDF e distribuir os saquinhos com os países africanos.

Duração: uma aula de 50 minutos.

Desenvolvimento: a professora realizará a distribuição dos saquinhos para os alunos e convidá-los a observar o formato dos países. Depois montar o mapa do continente. Por

último, perguntar de qual continente e país vem os gritos/griôs e solicitar uma pesquisa sobre o Mali.

(Fica a critério do profissional propor aos alunos levar uma país do continente africano para casa por meio dos saquinhos com os mapas).

4º item – Será iniciada com as respostas referentes às pesquisas realizadas sobre o Mali. Seguida da montagem do quebra-cabeça da mesquita de Tombuktu.

Material necessário:

Um quebra-cabeça de 98 peças com a imagem da Mesquita de Tombuktu, em papelão adesivo impresso na gráfica.



O filme: “Grandes reinos da África subsaariana” – parte 2:
<<https://www.youtube.com/watch?v=WelGrjdTGpE>>

Respostas sobre a pesquisas realizadas em casa sobre o Mali.

Atividade que imagem é essa?

Objetivo: Montagem do quebra-cabeça, identificação da cidade através da imagem, reconhecimento do pertencimento dessa cidade ao Mali e capacidade de trabalho em equipe.

Duração: uma aula de 50 minutos.

Sugestão de público alvo: alunos do 5º ano e do 6º ano do Ensino Fundamental.

Desenvolvimento: Dividir a turma em grupos de quatro pessoas e entregar a imagem do quebra-cabeça junto com as peças e começa a cronometrar o tempo. Depois que cada equipe montar, informar que aquela é a primeira universidade do mundo que fica localizada na África.

Tombuktu, localizada no Mali, é conhecida como a cidade dos livros e cidade dos sábios, sediou a primeira Universidade islâmica do mundo. Conforme Lima e Pereira (2009), a cidade é considerada patrimônio da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), desde 1988. A cidade guarda uma parte

extremamente significativa de livros preciosos para a história do conhecimento. Esse acervo fica abrigado no interior das bibliotecas conforme o site: <http://www.tombouctoumanuscripts.org/>.

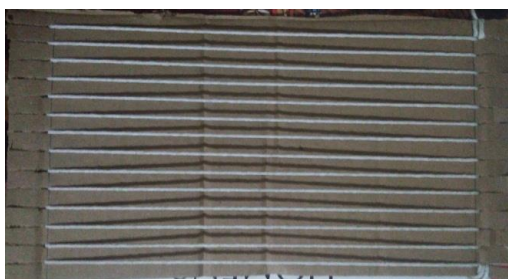
“A cidade e seus arredores do deserto guardam um arquivo de textos manuscritos em árabe e em línguas africanas produzidas entre os séculos 13 e 20”. (OLIVEIRA, 2013) Na cidade de Tombuctu, o sal era transformado em moeda de troca. A barganha acontecia pela aquisição do sal puro.

A cidade de Tombuktu fica próxima ao rio Níger e possui uma arquitetura única. Favorecida pelo clima da região, a cidade é preservada por técnicas de restauração aplicadas anualmente.

5º item – Conversa sobre a cultura e os saberes presentes no Mali, sobre a importância da palavra para os griot's, a importância dos ofícios no continente africano e arte de tecer as palavras.

A construção de um tear faz parte de mais um item do kit, pois os gritos são os portadores das palavras. As palavras pertencem as eles e eles a palavra. Os griôs sabem que por meio das palavras são capazes de ocasionar a paz ou de dar início a uma batalha. Por isso reconhecem a importância do tecelão na sociedade africana sendo esse ofício sagrado, pois encontram-se diretamente ligados. A palavra está conectada a canção da vida.

Os ferreiros, tecelões, trabalhadores de madeira e de couro estão hierarquicamente numa posição superior à do griot, sendo o ferreiro é o primeiro da escala, seguido pelo tecelão. [...]. O tecelão está vinculado à palavra criadora que se distribui no tempo e espaço. Tira o tecido em volta do bastão sobre o ventre do tecelão a criação e as que emite ao acompanhar os gestos no tear, tecelão representa a criação e as palavras que emite ao acompanhar os gestos passam a ser o próprio canto da vida. O movimento do vai e vem dos pés do tecelão está ligado ao movimento e ao ritmo, a vida e ação. O ferreiro, por sua vez, é o mestre do fogo, da transmutação, e é chamado de primeiro fogo da terra. (BERNAT, 2013, p.58)



Objetivo: demonstrar a importância da palavra para a sociedade africana e a valorização pelos ofícios manuais; promover a divulgação dos símbolos da tradição africana por meio da confecção e pinturas dos tecidos e o reconhecimento da utilização de outras formas e valores de comunicação.

Material: Papelão, barbante, tesouras, tecido e tinta.

Público alvo: discentes do 1º ano 7º ano do Ensino Fundamental

Duração: uma aula de 50 minutos.

Preparação: Colocar os alunos em círculo e separar os pedaços de barbante e papelões.

Desenvolvimento: explicar quais são os movimentos realizados no tear e iniciar a atividade.

Por último, a confecção de pulseiras em tecidos sobre o qual os alunos irão realizar pinturas de acordo com os símbolos Adinkra.

Sugestão da contação da história, A África, meu pequeno Chaka e Aminata, tagarela.

REFERÊNCIAS

ABREU, Rodrigo Bueno de. **A Marcha Contra a Farsa da Abolição na Transição Democrática.** (1988) Disponível em <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/11_A_marcha_contra_a_farsa_da_abolicao_na_transicao_democratica_1988.pdf> Acesso em 05 jan. 2017.

BERNAT, Isaac. **Encontros com o griot Sotigui Kouyaté.** Rio Janeiro: Pallas, 2013.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva; SILVA, Renato Araújo da. **África em Artes.** São Paulo: Museu Afro Brasil, 2015.

BRITO, Felipe. **Chamemos a coisa pelo nome:** pilhagem, rapinagem, espoliação. Disponível em <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/12/02/chamemos-a-coisa-pelo-nome-pilhagem-rapinagem-espoliacao/>> Acesso em 04 jan. 2017.

DOMINGUES, Joelza Esther. **Grandes reinos da África Subsaariana.** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=WeIGrjdTGpE>> Acesso em 05 jan. 2017.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Tradição Viva. In: **História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África.** Brasília: Unesco, 2010, p. 167-212.

_____. **Amkoulle, o menino fula.** Tradução: Xina Smith de Vasconcelos. São Paulo: Palas; Atenas: Casas das Áfricas, 2003.

JANOÁRIO, Ricardo de Souza; DIAS, Roseli Rocha Sheila. **Entrevista com Magali da Silva Almeida,** Juiz de Fora, v.13, n.1, p. 9-72, jan.-jun. 2013.

MENEGAT, Marildo. O fim da gestão da barbárie. **Territórios Transversais:** resistência urbana em movimento, Rio de Janeiro, n.3, 2015.

NASCIMENTO, Elisa LARKIN; GÁ Luiz Carlos. (org.) **Adinkra: Sabedoria em Símbolos Africanos.** Rio de Janeiro: Palles, 2009.

KOUROUMA, Ahmadou. **Homens da África** 2009

PEREIRA, Vantuil. **Territórios quilombolas e a construção da cidadania na Constituição de 1988**. Juiz de Fora: UFJF. 2009.

SITES

AFRICANPOP CULTURE Disponível em
<<https://africanpopculture.wordpress.com/2013/04/17/malick-sidibe-images/>> Acesso em 8
jan. 2017

MALI PICTURES GUIDE – West Africa Disponível em
<http://www.bugbog.com/gallery/mali_pictures/> Acesso em 10 jan. 2017